

**FACULDADE PATOS DE MINAS
DEPARTAMENTO GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

DANIELLE FORTUNATO DE ARAUJO

HOLOCAUSTO BRASILEIRO: uma resenha crítica

**PATOS DE MINAS
2019**

**FACULDADE PATOS DE MINAS
DEPARTAMENTO GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

DANIELLE FORTUNATO DE ARAUJO

HOLOCAUSTO BRASILEIRO: uma resenha crítica

Resenha apresentada à Faculdade Patos de Minas como requisito para conclusão do Curso de Graduação em Psicologia para finalidade de obtenção do título de Bacharel, podendo gozar dos direitos de Psicólogo.

Orientadora: Profa. Ma. Aline Fernandes Alves

**PATOS DE MINAS
2019**

FACULDADE PATOS DE MINAS
DEPARTAMENTO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
Curso Bacharelado em Psicologia

DANIELLE FORTUNATO DE ARAUJO

HOLOCAUSTO BRASILEIRO: uma resenha crítica

Banca Examinadora do Curso de Bacharelado em Psicologia, composta em **17 de maio de 2019**.

Orientadora: Profa. Ma. Aline Fernandes Alves
Faculdade Patos de Minas

Examinadora 1: Profa. Ma. Juliana Amorim Pacheco Oliveira
Faculdade Patos de Minas

Examinador 2: Prof. Me. Marcelo Matta de Castro
Faculdade Patos de Minas

DEDICO este trabalho a todas as pessoas que buscam compreender como a sociedade atua perante todos os seus indivíduos, levando em consideração que cada ser é livre para ser o que é e, ressaltado, tem direito a isso.

AGRADECIMENTO

Agradeço, primeiramente, a Deus por ter me permitido, com saúde, paciência e força de vontade, concluir essa jornada.

Agradeço a meu pai, embora não se encontre mais presente fisicamente, pela confiança em meu sonho e a partilha dele comigo.

Agradeço aos que, de alguma forma, acreditam em meu potencial e torcem para que eu obtenha sucesso no meu futuro como psicóloga.

Agradeço a minha orientadora, Aline Fernandes Alves, não só pelo suporte nessa etapa final, como por todo o ensinamento transmitido por ela ao longo desses cinco anos de curso.

Enfim, agradeço a todos que fizeram parte dessa caminhada e continuam na torcida para que esses passos sejam apenas o início da estrada da minha vida.

Não parece certo alguém que tem asas ser colocado dentro de uma caixa sem ver a luz do sol brilhar, pra mim não faz sentido alguém que tem asas não ter o céu inteiro para poder voar, se tenho asas sei que o céu é o meu lugar.

Priscila Alcântara

“Holocausto Brasileiro”: uma resenha crítica

Arbex, D. (Diretor). (2016). *Holocausto Brasileiro* [Filme Cinematográfico].

Por: Danielle Fortunato de Araújo¹

Aline Fernandes Alves²

1 CREDENCIAIS DE AUTORIA

Daniela Fernandes José Arbex Soares é formada em jornalismo pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF – Juiz de Fora/MG). Iniciou a carreira como repórter no jornal Tribuna de Minas, da cidade onde se formou. Daniela recebeu vários prêmios por publicações em suas séries de reportagens, sendo considerada uma das jornalistas mais premiadas de sua geração, recebendo mais de 20 prêmios nacionais e internacionais no seu conjunto de dados pessoais. Em 2000, ganhou o prêmio Esso, com um conjunto de matérias sobre a crise financeira da maior instituição hospitalar da região, a Santa Casa de Misericórdia de Juiz de Fora. Em 2009, o prêmio Ipys de Melhor Investigação Jornalística da América Latina também foi concedido a ela. Em 2010, recebeu o International Journalism Award. Em 2012, foi vitoriosa no Esso de Jornalismo na categoria Regional-Centro-Oeste, pela matéria *Holocausto Brasileiro*, série composta de sete reportagens que revelaram a rotina dos pacientes do Hospital Colônia, em Barbacena/MG, onde mais de 60 mil pessoas perderam a vida, eleito Melhor Livro-Reportagem do Ano pela Associação Paulista de Críticos de Arte (2013) e segundo melhor Livro-Reportagem no Prêmio Jabuti (2014). Com mais de 300 mil exemplares vendidos no Brasil e em Portugal, a obra ganhou as telas da TV, em 2016, no documentário produzido com exclusividade para a HBO, com exibição em mais de 40 países. Cova 312, outro livro da autora, foi vencedor do prêmio Jabuti, sendo que o livro aborda a ditadura de uma forma que a história oficial nunca fez. Em 2018, lançou “Todo dia A Mesma Noite”, expondo a narrativa não contada da Boate Kiss.

¹ Graduanda em Psicologia pela Faculdade Patos de Minas (FPM). danidanisdani@yahoo.com.br

² Mestre pelo Eixo da Saúde do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Docente e orientadora do Departamento de Graduação em Psicologia da FPM. alineferalves@gmail.com

2 APRESENTAÇÃO DA OBRA

O documentário se propõe a retratar a história do Hospital Psiquiátrico de Barbacena, em Minas Gerais, a partir dos relatos das pessoas que foram internadas, torturadas, violentadas e mortas, nos anos de 1960 e 1970, muitas vezes, sem diagnóstico de doença mental. Criado em 1903, o antigo hospital colônia viveu uma história de aniquilamento de 60 mil vítimas. Os relatos, inseridos no documentário, de ex-pacientes, ex-profissionais e de alguns moradores que viveram em Barbacena, são impactantes e cheios de denúncias sobre o que ocorria no local. Relatos que mostram o horror das experiências vividas pelas pessoas que eram levadas para o hospital. Pessoas tristes, introvertidas, epiléticos, alcólatras, homossexuais, prostitutas, meninas que engravidaram dos patrões, esposas trancadas pelos maridos, moças que perderam a castidade antes do casamento, crianças rejeitadas pelos pais por terem nascido com a genética imperfeita. Pessoas que foram consideradas loucas e então foram relegadas a exclusão social.

Enquanto vivas, essas pessoas eram submetidas ao mais desumano que se pode tratar um ser: comiam ratos, bebiam água de esgoto, tomavam constantes eletrochoques. Tudo isso testemunhado por um Estado que, por omissão, assumiu postura de conivência, com a morte das 60 mil vítimas da colônia. Médicos, funcionários e a população também foram testemunhas da crueldade imprimida nas condições de vida e morte desses milhares de vítimas.

A autora do documentário, Daniela Arbex, relata que o fato da geração dela não saber nada sobre essa história trágica, a deixa indignada, e tudo referente à colônia submete a ela a lembrança de campos de concentração.

As enfermeiras relatam as mortes dos pacientes como uma coisa natural, em que quatro, cinco pacientes morriam por dia e eram descartados como se não fossem nada. As injeções eram usadas em todos, em aplicações de paciente em paciente, diferente de hoje em dia que tudo é descartado. Os remédios eram escolhidos pela “cara” do paciente, que eram forçados a tomar aquilo, sem nem saber o porquê estavam tomando. Havia poucos médicos para muitos doentes e pouca assistência e informação. As camas eram divididas entre todos.

O psiquiatra Ronaldo Simões descreve o cheiro, a pobreza, a falta de fala e o som dos pacientes, a situação de andarilhos deles, visto como uma naturalidade,

despertando nele a vergonha de ser gente, diante das piores impressões que se pode ter sobre toda a situação em que vivem essas pessoas confinadas.

Os meninos do Hospital de Oliveira, que vieram após o fechamento do hospital, também despertam a sensação de abandono em quem conhece e relata a história. Crianças deficientes foram deixadas pelos pais por não serem perfeitas; naquele momento, essa era a conduta orientada, inclusive por profissionais de saúde.

Diante dos inúmeros relatos apresentados no documentário, fica evidente que a expectativa do hospital não era de curar, mas sim de levar essas vidas até onde desse. Os corpos eram descartados em um cemitério acoplado junto ao hospital, que deixou de ser utilizado devido ao acúmulo de ossos e ao mau cheiro que isso acarretava. A partir de então, existem denúncias de que os corpos desses pacientes eram vendidos para as universidades, com finalidade de objeto de estudo para aulas de anatomia.

Toda sorte de denúncias de maus tratos, violências e explorações são relatadas pelos entrevistados do documentário. Nesse sentido, vale destacar que a obra se apresenta como o registro de um fato histórico, que diz respeito à história da saúde mental e de conjunturas socioculturais do nosso país. Registro esse que se propõe à função de alerta para que tais atrocidades não voltem a ocorrer.

Arbex se questiona o tempo inteiro sobre quem carrega a culpa por toda essa crueldade, sendo respondida por uma das entrevistadas, que disse a ela, que a culpa é de toda a sociedade, porque todo mundo participou disso. Foram oito décadas nas quais as vítimas desse holocausto viveram em condições desumanas, passando fome, frio, sede, vivendo em sentimento de abandono. Todos falharam com as 60 mil vítimas.

Em 2001, com a aprovação da lei de atenção ao portador de transtorno mental no Brasil, os leitos psiquiátricos passaram a ser substituídos por modelos de atendimento mais humanizados. Na colônia, foram instituídas as residências terapêuticas, sendo alternativas de moradia para os pacientes internados há tantos anos por não terem tido o suporte adequado na sociedade.

A questão de que a sociedade ainda tem muito o que fazer no sentido de dar suporte a internações, sobretudo a pacientes usuários de drogas, ressuscitando uma situação parecida contra a humanidade de algumas pessoas, ainda se nota presente.

O documentário é finalizado mostrando a vida de alguns pacientes que sobreviveram e hoje são vistos pela sociedade por portarem documentos pessoais. Para as pessoas que resgataram de alguma forma a humanidade desses sobreviventes, eles já eram vistos e ouvidos há muito tempo, embora vivessem em condições extremas.

É clara, ao final, a postura da autora do documentário, encorajando, a quem assiste, a ir além dos limites e não só a refletir sobre o que é mostrado no documentário, mas, também, a partir dessa visão, buscar conhecer o que de fato acontece na nossa sociedade que, às vezes, é omitido e que merece a devida atenção de todos.

3 APRECIÇÃO DA OBRA

O modo como Daniela Arbex aborda o que aconteceu durante todos esses anos no hospital colônia afeta a quem assiste de uma maneira que, ao mesmo tempo, emociona e angustia, com imagens fortes e relatos cheio de dor e tristeza.

Um documentário rico em detalhes e depoimentos que nos leva a reflexão sobre como a sociedade pôde ser omissa em esconder um passado tão cruel e cheio de marcas que ainda causam dor, tanto aos pacientes quanto a todas as outras pessoas que participaram desse processo, ou seja, a todos os envolvidos nessa história.

O atendimento em liberdade é um direito do paciente, regulamentado pela Lei 10.216/01, conhecida como Lei da Reforma Psiquiátrica. Hoje, isto está cada vez mais evidente e compreendido por uma grande parcela da população. Todavia, é necessário destacar que tal lei não garante o acontecimento do processo de transformação sociocultural que, de fato, seria responsável por tratamentos mais dignos e maior inclusão social dos pacientes que sofrem com algum tipo de transtorno psíquico. Diante do exposto, fica evidente a importância do documentário, principalmente porque ele se configura em um instrumento de sensibilização, que pode produzir transformações sociais a partir das reflexões que o espectador pode fazer.

A obra, mesmo sendo de 2016, mostra-se bastante atual, principalmente diante dos riscos de retrocessos que o campo da saúde mental brasileira está sofrendo. Em 2019, o atual governo, através do Ministério da Saúde, fez a

publicação da Nota Técnica número 11/2019. Tal nota devolve ao hospital psiquiátrico a possibilidade de composição da rede de assistência em saúde mental, bem como anula o compromisso, realizado no movimento da Reforma Psiquiátrica, de redução gradual e progressiva dos leitos psiquiátricos.

Arbex também fornece ao espectador elementos significativos para compreender, refletir e problematizar a constituição e o funcionamento das relações de poder que vigoram no Brasil, relações estas que sustentam processos de inclusão e exclusão social.

4 INDICAÇÃO DA OBRA

O documentário foi todo construído com uma linguagem de fácil acesso e entendimento, bem como retrata uma temática de relevância para toda a sociedade, conforme já foi amplamente debatido na presente resenha. Diante disso, a obra é indicada tanto para profissionais de psicologia, psiquiatria e da saúde como um todo, quanto para a população em geral que, por ventura, possa se interessar pela temática do tratamento em saúde mental.

ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA**Autor Orientando:**

Danielle Fortunato de Araújo

Avenida Juscelino Kubitschek de Oliveira, 1220, Cristo Redentor, Patos de Minas -
MG

(34) 3818 2300

danidanisdani@yahoo.com.br

Autor Orientador:

Aline Fernandes Alves

Avenida Juscelino Kubitschek de Oliveira, 1220, Cristo Redentor, Patos de Minas -
MG

(34) 3818 2300

alineferalves@gmail.com

DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Patos de Minas, XX de XX de XXXX

Danielle Fortunato de Araújo

Aline Fernandes Alves



FACULDADE PATOS DE MINAS



FACULDADE PATOS DE MINAS

Mantenedora – Associação Educacional de Patos de Minas

Portaria de Recredenciamento MEC – DOU N°. 1469 de 10 de outubro de 2011.

Departamento de Graduação em Psicologia

Curso de Bacharelado em Psicologia

(Formação de Psicólogo)

Curso Reconhecido pela Portaria DIREG/MEC N°. 371 de 30/08/2011, renovado Reconhecimento de Curso pela Portaria DIREG/ME N°. 267 de 03/04/2017, publicado DOU em 04/04/2017, n°. 65, sessão 1, pág. 70-81

“Como Psicólogo, eu me comprometo a colocar minha profissão a serviço da sociedade brasileira, pautando meu trabalho nos princípios da qualidade técnica e do rigor ético. Por meio do meu exercício profissional, contribuirei para o desenvolvimento da Psicologia como ciência e profissão na direção das demandas da sociedade, promovendo saúde e qualidade de vida de cada sujeito e de todos os cidadãos e instituições.”

(Juramento do Psicólogo – Conselho Federal de Psicologia)